

A INFLUÊNCIA DO TROPEIRISMO NO INÍCIO DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO FRANCISCO XAVIER

Resumo: As sociedades humanas estão em constantes transformações, por mais estáticas ou tradicionais que sejam. No entanto, os padrões e modo de mudanças dependem de lugar para lugar e de um momento histórico para outro. O tropeiro foi essencial na formação histórica de São Francisco Xavier conduzindo tropas, levando e trazendo informações das mais distantes regiões do Sul de Minas para o Vale do Paraíba. No entanto, essa rota deu-se forma ilegal para os padrões da época sendo a serra de Santa Bárbara a rota perfeita para a fuga dos constantes impostos cobrados pelo governo no final do século XIX. Dessa forma, a ocupação de São Francisco Xavier se intensificou e com ele toda a formação socio cultural do povo local que se apresentam até hoje.

Autor: *Rodolfo Benedito dos Santos¹, Orientadora: Maria Aparecida Papali²*

^{1 2} Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba – UniVap, IP&D, Av. Shishima Hifumi, 2911-Urbanova-1244-000-São José dos Campos - SP, rodolfos@univap.br, papali@univap.br

Palavras-chaves: Tropeirismo, São Francisco Xavier, tradição e cultura.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O distrito de São Francisco Xavier, localizado na zona rural da cidade de São José dos Campos, considerada uma das cidades mais importantes do país. Conseqüentemente, esse pequeno lugarejo recebe forte influência do mundo urbano, sofrendo as conseqüências de uma ocupação "desordenada".

A partir de estudos históricos percebe-se que a história local foi marcada pela forte presença de migrantes mineiros que, principalmente no final de século XIX, ultrapassaram a Mantiqueira, vindos principalmente pelos "boatos" de tropeiros que pela região passavam para fazer seus comércios no Vale do Paraíba e citavam a fertilidade e abundâncias da terra.

Segundo depoimentos de antigos tropeiros locais, com essa forte presença de tradições tropeiras, São Francisco Xavier teve sua história social fundada ao final do século XIX, com a passagem de tropas de muares, como já foi citado e por uma grande fazenda escravista. Ao passarem pela região, muitos passaram a residir no local, se apropriando da fartura de águas e terras produtivas.

O tropeirismo na formação histórica de São Francisco Xavier

As tropas de muares foram os grandes responsáveis pela ocupação do distrito. Nesse caso é importante lembrar que os tropeiros transformaram-se no mais importante meio de transporte, comércio e comunicação das regiões brasileiras após a decadência da atividade

bandeirante a partir do final do século XVIII. O tropeiro passou a ser o elemento integrador por onde passava. Tropeiro é a designação dada aos condutores de tropas, assim consideradas as manadas de bois, cavalos e mulas, entre outros animais, entre a região de sua produção e os centros consumidores. Num sentido mais amplo também designa o comerciante que comprava tropas de animais para revendê-las, e mesmo o "tropeiro de bestas" que usava os animais, para além de vendê-los, transportar outros gêneros para o comércio nas várias vilas e cidades pelas quais passava.

Além de seu importante papel na economia, o tropeiro teve importância cultural relevante como veiculador de idéias e notícias entre as aldeias e comunidades distantes entre si, numa época em que não existiam bons acessos no Brasil.

Nas longas rotas ou "caminhos" que usavam, ajudaram a fazer brotar várias das atuais cidades do Brasil. Ao longo do século XVIII o Brasil colônia crescia, e com ele, a necessidade de abastecer os grandes centros. Além disso, as novas minas eram atingidas apenas por trilhas penosas, impossíveis de chegar a pé ou a cavalo, e a solução desse problema foi encontrada com o uso de mulas que, carregando dois cestos amarrados no lombo, percorriam grandes distâncias por caminhos impraticáveis; quando se usavam várias mulas, esse transporte era chamado de tropa.

A necessidade de paradas, (às vezes longas para esperar que as chuvas parassem e os rios baixassem o nível) exigia pernoites e alimentação aos tropeiros, assim como pastos para alimentar os animais, fazendo com que fossem surgindo moradores que abriam casas de

comércio para atender os viajantes, até mesmo ex-tropeiros que se instalavam com fazendas ao longo das trilhas, nascendo assim, pequenas povoações.

Durante anos, centenas de milhares de mulas, cavalos e bois foram transportados por essas trilhas, impulsionando o desenvolvimento desses locais, possibilitando a gradativa integração das economias regionais. Dessa forma, esses pequenos povoados e vilas tiveram seu crescimento inicial e muitos deles se transformaram em grandes cidades, como se pode hoje notar ao longo desses caminhos. Mattos (1984, 34) justifica o assunto relatando que “se não fossem as tropas, carregando produtos e mercadorias, possivelmente muitos dos núcleos populacionais encravados nas profundezas do interior do Brasil, que depois vieram a se constituir em cidades econômicas e socialmente progressistas, não teriam resistido à carência de meios de sobrevivência ou então permaneceriam, por muito tempo, em estado de vida semiselvagem. As tropas de muares representaram papel destacadíssimo na dinâmica social e econômica dos centros populacionais a que serviram, ainda mais que era, na verdade, o único meio disponível e regular para o intercâmbio de produtos e de idéias com as regiões mais desenvolvidas. A carga dos tropeiros variava bastante. Andavam em todas as regiões de cima a baixo. Transportavam charque, feijão, farinha de trigo, farinha de milho, açúcar, erva, sebo, mel, rabo, crina, entre outros produtos”.

A produção dessas miudezas destinava-se ao abastecimento dos grandes centros urbanos, principalmente aquelas que tinham sua economia voltada para a monocultura, como foi o caso do café e encontravam nas tropas as facilidades de encontrarem outros produtos que não eram produzidos no local. Nesse aspecto, o Vale do Paraíba foi o grande corredor entre São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e o litoral norte.

Segundo o antigo tropeiro de São Francisco Xavier e presidente do grupo de tropeiros e violeiros, João Olímpio, as tropas que passavam pelo distrito chegavam a caminhar até 14 horas por dia, percorrendo de 6 a 7 léguas (cerca de 45 Km). Por isso, esse trecho era ponto de parada dos tropeiros mineiros que logo após o descanso chegariam ao Vale do Paraíba. No entanto uma questão se levanta. Se o tropeirismo já se mostrava forte desde o final do século XVIII, por que o distrito só passou a ter importância cerca de uma década depois? A resposta mais provável é que existiam várias rotas de passagem de muares legalizadas para o transporte de cargas, no entanto, a rota de São Francisco Xavier não era um caminho oficial das tropas, sendo o mais próximo e legalizado em Santo Antonio do Pinhal. Esse caminho não era um dos mais

importantes da época, mesmo porque as regiões pela qual passavam não eram de grande relevância econômica na região. As principais rotas de passagem encontravam-se no Médio e Fundo do Vale como cita Hernani Costa (1984), onde os principais caminhos encontravam-se em áreas litorâneas como Salesópolis a São Sebastião, de Paraibuna a Caraguatatuba, de Taubaté a Ubatuba e de Bananal a Parati, além de Lorena e Embu (Cruzeiro) e suas ligações com o sul de Minas.

Esses caminhos se faziam de forma precária, mesmo em época de seca, porém em períodos de chuvas tornavam-se atoleiros, intransitáveis, quando muitas vezes perdiam-se cargas e até animais, com enormes prejuízos. Para melhor conservação dessas estradas os governos provinciais decretaram a abertura de várias barreiras de registros cobrando um determinado pedágio para a manutenção das estradas, que, segundo Costa (1984), eram postos fiscais de controle que poderiam ser de controle de ouro, diamantes, entradas de pessoas, mercadorias e animais e os específicos de contagens de animais. Tais pontos de registros eram colocados em locais estratégicos como desfiladeiros ou margens de rios, dificultando as fugas. Nesses locais geralmente ficavam um administrador, um contador e dois a quatro soldados, sendo as mais transitadas com portões fechados com grandes cadeados.

Segundo Costa (1984), era considerado crime de lesa-majestade a abertura de novos caminhos a fim de se fugir dos registros, já que esses pedágios tinham a função de manter os caminhos abertos para a própria passagem dessas tropas. Tal fato, segundo relatos, não acontecia na prática já que as passagens eram caminhos de terra de no máximo quatro metros de largura, de um terreno raspado sem manutenção de aterros, drenagem, com pequenas pontes precárias, condições que por muitas vezes acabavam atrasando ainda mais o transporte dos animais e das mercadorias.

Com todas essas dificuldades parecia mais viável ao tropeiro cometer o crime de lesa-majestade e procurar outro caminho para desviar do registro de Santo Antonio do Pinhal. Nesse caso, o caminho escolhido foi a Serra de Santa Bárbara, que daria acesso às margens do rio do Peixe, local que futuramente viria crescer o distrito de São Francisco Xavier. Nesse local de pouso algumas vezes construam ranchos, ou passavam a descansar debaixo de rochedos naturais na região. Tal local até hoje é conhecido como Pouso do Rochedo e explorado turisticamente.

Como já foi citado, o tropeiro tinha a função também de levar e trazer as informações locais, o que se comprova com o fato de muitos mineiros terem deixado suas terras nas Minas

Gerais e tentado a sorte nessas novas terras começando a ser explorada pelas tropas. Sr. João Batista, descendente de uma das primeiras famílias do local relatou das dificuldades encontradas por seus avós nesse período: “segundo vovô a situação tava difícil em Minas, a lavoura num tava vingando os filhos tavam quase passando fome. Foi quando uns tropeiros passaram por lá falando de umas terras boas pra prantio e de clima muito bom, né. Depois disso, eles (os parentes) decidiram vender as terras lá em Minas e atravessarem a serra e tentar a vida do lado de São Paulo. E foi quando nois adquirimos uns arqueiros de terra e começaram a derrubar a mata pro plantio tanto pra família como também pra vender pras tropas que passavam no lugar levando e trazendo as tralhas. Depois disso, outras famílias começaram a vir também e os buatos do lugar foram crescendo igual o arraiazinho”

Tal relato mostra como foi fundamental o transporte e a passagem pela serra de Santa Bárbara, pois isso propiciou a melhoria da comunicação e o desenvolvimento do distrito, fato esse que se repete até os dias atuais pelas vias de acesso.

Mudanças sócio-espaciais em São Francisco Xavier

Essa população que aos poucos ia se tornando uma grande família passava a conviver dentro dos laços de solidariedade e companheirismo. Também pelo fato de ter seu início por tropas e tropeiros, São Francisco Xavier formou-se diretamente ligados a forte presença de expressões culturais de solidariedade no modo de vida, de comunidade e de inter-relação com aspectos de convivências territoriais, ou seja, de auxílio mútuo de sociabilidade. Segundo Antônio Candido (1971, 23) “o equilíbrio social depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua satisfação. Isso resulta uma solidariedade estreita em que as oposições se obliteram de tal forma vai o meio se tornando, cada vez mais, reflexo da ação do homem na dimensão do tempo.” Tais questões engendraram uma sociedade ligada aos laços de memória em relação ao seu meio, fazendo com que a terra tivesse valorização não capital, mas sim sentimental, como bem diz Certeau (1994, 94) relatando que “estamos ligados a este lugar pelas lembranças. É impessoal. Isso não interessaria a ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito de um bairro. Só há lugar quando freqüentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio e que se pode evocar ou não.”

A partir de 1896, pela distância e pelo crescimento, torna-se distrito de São José dos Campos, desenvolvendo em seus primórdios a

agricultura de subsistência e a atividade leiteira em pequena escala. É importante lembrar que nesse período o Vale do Paraíba estava em plena decadência na produção cafeeira, mas ainda conservava algumas grandes plantações. Apesar da precariedade das estradas São Francisco Xavier no início do século, alinhou-se nessa atividade produtiva. Além de muitos relatos, um documento de arrendamento de terra da fazenda Rodeio feita em 1919, mostra principalmente, que a região foi uma grande produtora de café, pois mostra que um dos envolvidos teria que pagar os gastos pelos quarenta mil pés de café que a fazenda produzira naquele ano com os empreiteiros da lavoura. Cita o documento: “Além das madeiras serradas e lavradas até esta data, não poderá o outorgante retirar outras madeiras do imóvel. Havendo o outorgado autorizado a plantação de quarenta mil pés de café na fazenda obriga-se a pagar aos empreiteiros respectivos as despesas da formação desse cafetal, a cem mil reis por (...) por mil pés, pagamento que será feita a trinta e um e agosto deste ano.”¹

Esse documento mostra que a dinâmica produtiva era intensa e demandava uma população ativa no setor para fluir tal produção. Isso pode ter dado impulso para o desenvolvimento local, seja diretamente na produção cafeeira ou com a agricultura de subsistência. Com o crescimento local a dinâmica social acaba também se desenvolvendo.

No entanto, o que mais caracterizava a região eram os laços de sociabilidade territorial, como os mutirões – auxílio mútuo interfamiliar nas construções, colheitas, plantios, festas, etc., nota-se que os hábitos locais eram resistentes a qualquer tipo de interferência externa por duas questões cruciais. Primeiro, a forte presença de uma memória coletiva, principalmente no que se refere às imagens espaciais, ao meio de vida de antepassados. Isso fica bem claro, nas pequenas capelas, denominadas “Santa Cruz”, onde, segundo relatos, eram feitas orações pelos ancestrais, enterravam-se as crianças que nasciam mortas, ou onde se colocavam os umbigos dos recém nascidos. Halbwachs (1990, 93) sobre memória coletiva cita que “as imagens espaciais desempenham um papel na Memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras”.

Tais fatores favoreceram a permanência de identidades locais e fortes laços de sociabilidade, já que os membros desse grupo acabam se reconhecendo nos hábitos, tradições, modo de falar e de relacionar, de religiosidades e rituais, de festas, trabalhos, etc. Porém, tais

¹ Todos os documentos primários encontram-se na Casa de Cultura de São Francisco Xavier.

atitudes são mais bem analisadas, dentro do tempo livre, por intermédio do lazer. Segundo Magnani (2000, 31), “verificou se que sua dinâmica ia muito além da mera necessidade de reposição das forças dispendidas durante a jornada de trabalho: representava, antes, uma oportunidade através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade.”

Tal fato torna-se evidente, quando muitos do local se referem aos bailes, rodas de viola, carpição, catiras etc., momentos de se contar os causos, passar as informações locais, manter vivo o território e suas ações. Dessa forma o grupo se percebe, mesmo que inconscientemente, dentro de um ambiente, baseado nos laços de amizade, interesses, paixões, falecimentos, nas janelas ou no roçado.

Considerações Finais

Compreender a formação histórico-social de determinado local é imprescindível para auxiliar em seu desenvolvimento. Com base na formação tropeira, São Francisco Xavier torna-se hoje um grande centro de cultura e tradição regional desse grupo que um dia auxiliou na formação do Distrito. Esse fator tornou-se essencial na formação das primeiras vias de acesso do distrito, o que proporcionou ao seu desenvolvimento do setor cafeeiro ao setor leiteiro que só veio a se decair com a introdução do turismo no início do século XXI, que tem no próprio tropeirismo como mola propulsora de desenvolvimento turístico.

Referências

-CÂNDIDO, A. Os parceiros do rio Bonito. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2ª edição, 1971.

-CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.

-COSTA, H. M. As barreiras de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984. Tombo 53946. 1984.

--HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

-MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade. São Paulo: Edusp, 2000.

-MATTOS, M. Fases da prosperidade e de declínio do tropeirismo. São Paulo: Fundação Ubaldino Amaral, 1984.